

A escolarização de alunos com deficiência mental incluídos nas séries finais do ensino fundamental: um estudo das expectativas das famílias

Jaluza de Souza Duarte*
Maria Alcione Munhóz**

Resumo

Este artigo é resultado da pesquisa de Mestrado em Educação (Universidade Federal de Santa Maria) desenvolvida no ano de 2007. Participaram da pesquisa quatro famílias de alunos com deficiência mental que estão incluídos nas séries finais do ensino fundamental, de uma Escola Estadual de Santa Maria. O trabalho compõe-se de uma pesquisa qualitativa descritiva. O trabalho teve como objetivo investigar as expectativas da escolarização para as famílias de filhos com deficiência mental; compreender os processos familiares de mobilização escolar, revelando as rotinas familiares que demonstraram favorecer a escolarização de seus filhos com deficiência mental. Utilizou-se como técnica para a coleta de dados a entrevista semi-estruturada, respondida pelas mães dos alunos. O conteúdo descrito nas falas evidencia que todas as famílias atribuem um valor simbólico importante para a escola, mas, quanto às expectativas dessas famílias com a escolarização, há elementos que apontam singularidades quanto ao que esperam dela. Pôde-se perceber que a singularidade é também presente na forma como as famílias se mobilizam para a escolarização de seus filhos e esta mobilização não ocorre isoladamente, mas é sustentada pela escola em que os alunos estudam. Além de revelar a relação da família com a escolarização do filho, a pesquisa mostra que as famílias precisam de apoio financeiro, material, afetivo, simbólico e informativo para que contribuam de forma positiva na inclusão escolar.

Palavras-chave: Família. Escola. Inclusão.

Schooling of mentally disable students included into the final grades of elementary school: a study about families' expectations

Abstract

This paper resulted from a research carried out along a Mastership Course in Education (Federal University of Santa Maria) developed in 2007. Four families in which there are mental disable students participated in this study. The students are included in the final grades of elementary school in a state school in Santa Maria. The study consists in a descriptive qualitative research. This work aimed at investigating about families', with mental disable children, expectations in

* Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria/UFSM.

** Professora Doutora do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria/UFSM.

relation to their children's schooling process; understanding familiar processes of schooling mobilization by revealing routines that can be helpful to their mental disable children. A semi-structured interview, which was answered by the students' mothers, was used as a technique to collect data. According to the families' speeches, it is possible to affirm that they attribute an important symbolic value to the school. However, in relation to the schooling expectations, there are elements pointing to singularities considering what they expect from their children schooling process. It is also possible to perceive that this singularity is also present in the way families move on to their children schooling process and it does not occur isolated, but it is supported by the school where the students study. Besides revealing the relation between the families and their children schooling process, the research shows that the families need financial, material, emotional, symbolic and informative support so that they can contribute in a positive way to the schooling inclusion.

Keywords: Family. School. Inclusion.

Introdução

Este artigo apresenta algumas considerações da pesquisa desenvolvida no curso de Mestrado em Educação, da Universidade Federal de Santa Maria. No decorrer da Dissertação de Mestrado intitulada "A escolarização de alunos com deficiência mental incluídos nas séries finais do Ensino Fundamental: um estudo das expectativas das famílias", teve-se a preocupação de investigar as expectativas das famílias no processo de escolarização dos filhos com deficiência mental incluídos nas séries finais do Ensino Fundamental.

A integração social das pessoas com deficiência passa pela escola, já que sua função não é apenas a de ensinar conteúdos das disciplinas, mas também de participar no estabelecimento dos padrões de convivência social. *"É através da escola que a sociedade adquire, fundamenta e modifica conceitos de participação, colaboração e adaptação. Embora outras instituições como a família ou igreja tenham papel muito importante, é da escola a maior parcela"* (MELLO, 1997, p. 14).

Ao pensar a escola, seu papel na vida de cada um de nós, é preciso também relacionar a família como instituição balizadora da trajetória escolar do filho. Enquanto grupo social primário, a família é responsável pela formação do indivíduo e as relações estabelecidas nesse contexto são determinantes no desenvolvimento cognitivo, afetivo e social de seus membros, bem como na forma como convivem e interagem na sociedade, mesmo na idade adulta. Ao refletirmos sobre a inclusão, a educação escolar, a formação humana, sobre a aprendizagem, é preciso considerar o primeiro contexto social ao qual fazemos parte, a família. É na vida familiar que vamos viver nossas primeiras experiências significativas enquanto indivíduos. *"O sucesso ou insucesso dos outros inumeráveis papéis que vamos exercer ao longo de nossa história (aluno, profissional, por exemplo), dependerão, em grande parte, do sucesso ou do insucesso de nossas relações dentro do sistema familiar"* (BORDIGNON, 2006, p. 37).

A pesquisa

Participaram da pesquisa quatro famílias que têm seus filhos incluídos em uma Escola Estadual de Santa Maria, com idades de 13, 19 e 18 (2) anos. No período em que ocorreu a pesquisa, em 2007, os alunos estavam respectivamente na 7^a, 6^a e 8^a séries do Ensino Fundamental, sendo que os dois alunos de 18 anos estavam na 8^a série.

O trabalho teve como objetivo investigar as expectativas da família no processo de escolarização do filho com deficiência mental incluído nas séries finais do Ensino Fundamental; verificar os significados que a escolarização assume para as famílias dos alunos com deficiência mental participantes da pesquisa; analisar os processos familiares de mobilização escolar presentes na escolarização dos alunos participantes do estudo, bem como descrever rotinas familiares que se revelaram como favorecedoras da escolarização dos filhos das famílias estudadas.

Para responder aos objetivos e a problematização do estudo, o trabalho compõe-se uma pesquisa qualitativa descritiva, com entrevista semi-estruturada, respondida pelas quatro famílias participantes, trabalhada através da análise da rede de relações presentes entre a família e a escola.

As entrevistas com as quatro famílias dos alunos participantes do estudo ocorreram durante o mês de outubro e novembro de 2007. A entrevista foi proposta para ser realizada com alguém da família que tivesse envolvimento com o aluno, mas nas quatro entrevistas quem optou em responder as perguntas foram as mães, evidenciando o envolvimento delas na escolarização dos filhos. As entrevistas ocorreram em dois momentos, através de visitas nas casas das famílias que duraram em torno de três horas cada. Somente uma mãe solicitou que a entrevista fosse realizada na própria escola. O contato e diálogo estabelecido com as mães foram momentos de importante reflexão e aprendizagem, reafirmando a relevância de conhecer o que a família espera da escolarização de seu filho e como se mobilizou para que, apesar de todas as dificuldades enfrentadas, seu filho com deficiência mental chegasse até as séries finais do Ensino Fundamental.

Identificou-se, no trabalho, cada família por um número, respectivamente os números I, II, III, IV e identifiquei os alunos com letras do alfabeto, D, V, M, F. As famílias II, III e IV podem ser denominadas nucleares simples, formadas por pai, mãe e filhos (OSÓRIO, 1996) e são famílias de classe popular. No entanto, na família I (família de classe média) os pais são separados, mas a mãe não reconstruiu a família com outro parceiro.

As expectativas da escolarização para as famílias

Ao analisar elementos presentes nas falas das famílias, representadas pelas mães, participantes deste trabalho, pode-se verificar que todas percebem a escolarização como uma vivência muito importante na vida de seus filhos. As práticas escolares permitiram a esses alunos se apropriarem de conhecimentos básicos, como a leitura e a escrita, adquirir condutas de comportamentos exigidas pela escola, bem como contribuiu no crescimento desses indivíduos através da rede de relações sociais que o ambiente escolar proporciona.

Mesmo as famílias tendo posicionamentos em comum quanto ao que a escola já contribuiu na vida de seus filhos, é possível, ao analisar as falas das mães, encontrar elementos centrais que indicam singularidades ao que cada família espera com a escolarização de seu filho.

Pode-se verificar que somente as famílias III e IV possuem expectativas definidas quanto à escolarização dos filhos, os quais estão na 6ª e 7ª série, respectivamente. A família III espera que a escolarização seja um caminho para o filho conseguir uma ocupação profissional. A mãe não menciona em suas falas sobre o filho fazer alguma faculdade, mas deseja que este estude mais um pouco, ao menos conclua o Ensino Fundamental, o que os pais não fizeram, para ter mais chances de um emprego. Dessa forma, pode-se compreender que a família III considera a escolarização como um caminho para o filho ter melhores condições econômicas do que sua família através de uma ocupação profissional. A escola, para esta família, também tem um valor simbólico de realização de um objetivo não concretizado pelos pais. A família IV demonstra claramente que espera que seu filho continue estudando em uma escola regular, freqüente o Ensino Médio e, posteriormente, faça uma faculdade. Para isso, a família demonstra muita determinação, mesmo considerando que não será uma tarefa fácil e que sempre precisará do apoio de outros profissionais e outros atendimentos, como sala de recursos para que isso seja possível. Dessa forma, pode-se compreender que a família IV considera a educação como possibilidade para um futuro profissional do filho, no desejo de identificá-lo como outros estudantes da sua faixa etária.

As mães das famílias I e II, ao relatarem sobre o que esperam com a escolarização de seus filhos, os quais estão na 8ª série e são colegas de turma, demonstraram não terem expectativas definidas com relação a esse aspecto. Estas mães têm grande preocupação com relação ao futuro dos filhos, mas, ao mesmo tempo, não têm planos definidos quanto ao que seus filhos desejam fazer ou o que acham que eles teriam vontade e ou capacidade para desempenhar, tanto em nível de estudos, como sobre uma possível inserção em atividades profissionais. Ambas as famílias falam de uma continuidade na educação, mas não que esta esteja diretamente ligada à continuação dos estudos em uma escola regular, entrada no Ensino Médio, por exemplo, ou então uma inclusão no mercado de trabalho. Percebe-se, assim, uma incerteza por parte da família em definir suas expectativas para a vida escolar dos filhos.

Pode-se perceber também, nas falas das mães, principalmente nas famílias I, II e III, que a escola ocupa um lugar importante no universo simbólico das famílias, mas apesar do valor inegável da educação escolar, “*não pode ser sempre tomado como sinônimo de um projeto de longevidade escolar. Esta observação não é contraditória com a valorização atribuída aos estudos, uma vez que há uma percepção muito clara dos limites impostos pelas condições materiais objetivas*” (ZAGO, 2003, p. 30).

Nesta consideração, Zago (2003, p. 30) se refere às limitações impostas pela situação financeira e condição social das famílias. No caso das famílias deste estudo, além dos fatores econômicos, as limitações da própria deficiência do filho, fazem com que o prolongamento dos estudos não se constitua necessariamente como um projeto de vida, exceto para a família IV, dizendo que, “*quando os pais procuram transmitir sua crença num futuro melhor por meio da escolarização, têm igualmente presente que as condições materialmente limitadas, sem perspectivas concretas de mudanças, limitam projetos futuros*”.

Ao término da coleta de dados, quando foram entregues as entrevistas transcritas para as mães lerem, estas, então, já estavam sabendo a situação escolar dos filhos para o próximo ano. A escola já havia comunicado às mães que os filhos iriam passar de ano. Dois, M e F, continuarão na escola frequentando a 7ª e 8ª série do Ensino Fundamental, respectivamente, o que já era esperado pelas mães. Os alunos das famílias I e II irão frequentar o 1º ano do Ensino Médio em uma escola regular que trabalha com a inclusão.

Família e educação: Processos familiares de mobilização escolar

Na perspectiva apresentada por Viana (2003), o sentido de mobilização escolar empregado em sua pesquisa se traduz no engajamento dos pais para um determinado fim, no caso, o rendimento e sucesso escolar dos filhos.

A mobilização escolar, ou trabalho escolar, também é definido por Portes (2003, p. 63) como:

[...] todas aquelas ações – ocasionais ou precariamente organizadas – empreendidas pela família no sentido de assegurar a entrada e a permanência do filho no interior do sistema escolar, de modo a influenciar a trajetória escolar do mesmo, possibilitando a ele alcançar os níveis mais altos de escolaridade [...].

O trabalho escolar empreendido pela família não obedece a modelos e não pode ser generalizado. Ele acontecerá em tempo próprio, dependendo, muitas vezes, das condições materiais da família, de sua constituição histórica e social. Essas ações não ocorrem de forma autônoma, isolada, muitas vezes são sustentadas mediante a interferência de outros sujeitos e do próprio auxílio

da instituição escolar. Assim, para compreendermos os processos de mobilização escolar da família, é necessário fazermos uma leitura, considerando-se uma ampla rede de relações (PORTES, 2003).

Através das entrevistas com as mães dos alunos, pode-se perceber que, nas quatro famílias pesquisadas, é a mãe a pessoa que tem maior envolvimento na trajetória escolar do filho com deficiência mental, assumindo a tarefa de conduzir as ações direcionadas ao desenvolvimento dos filhos, quando foi descoberto o problema e quando estes iniciaram os atendimentos pedagógicos. É possível evidenciar que, ao encontrarmos singularidades quanto ao que cada família espera com a escolarização de seu filho, encontraremos singularidades na forma como as famílias se mobilizam para esse processo.

Todas as famílias de forma determinada se mobilizaram para que seus filhos recebessem a estimulação adequada para seu desenvolvimento. O acompanhamento das mães levando a médicos, educadores especiais, fisioterapeutas, psicólogos, foi contínuo até a entrada na escola. Para isso, as mães deixaram de lado muitos planos, abdicando de projetos pessoais para poder atender as necessidades do filho.

Após a fase inicial de aceitação do problema, da mudança na rotina da vida da família, principalmente da mãe, para poder acompanhar o filho a médicos, exames, diferentes atendimentos, as famílias passaram por outra fase complexa, a entrada na escola. Para todas as famílias o início da escolarização foi uma fase muito difícil, as mães apontaram que demorou a seus filhos se adaptarem a rotina escolar, ou seja, permanecer na sala, cumprir horários, e também para que se relacionassem melhor com os colegas de turma e outros alunos da escola.

Com o decorrer do tempo, as dificuldades iniciais foram sendo amenizadas e a trajetória escolar dos filhos está ocorrendo de forma mais tranqüila, como relatam as mães. Mas, para todas as famílias, o maior obstáculo no decorrer da trajetória escolar de cada aluno, na frequência no ensino regular, para que estes conseguissem chegar até as séries finais do Ensino Fundamental, foram às limitações trazidas pela deficiência e as dificuldades na aprendizagem. Mesmo frente a essas dificuldades, a mobilização da família, intervindo diretamente nas práticas escolares, foi percebida somente nas ações empenhadas pela mãe da família IV, através da atenção e vigilância com o trabalho escolar desde cedo e acompanhamento na realização das tarefas.

A presença de uma ordem moral doméstica pode sintetizar as formas de mobilização familiar empreendidas pela família I e II. Assim, apesar dessas famílias não atuarem auxiliando diretamente nas atividades escolares de seus filhos, como a família IV, elas contribuem positivamente na trajetória escolar, uma vez que, direcionam suas intervenções *“através de uma presença constante, um apoio moral ou afetivo estável a todo instante [...] Nesse caso, a intervenção positiva da família, do ponto de vista das práticas escolares, não está*

voltada essencialmente ao domínio escolar, mas a domínios periféricos" (LAHIRE, 1997, p. 26).

Pode-se destacar também, que as famílias I, II e IV estão sempre investindo em ações que levem os filhos a ter um bom comportamento, cumprindo e respeitando a autoridade do professor e as ordens escolares.

A mãe da família III também oferece apoio moral e afetivo para seu filho trilhar sua escolarização e se esforça para que este tenha um bom comportamento na escola, respeitando os professores e sendo obediente. Porém, pode-se perceber que não há, como nas demais famílias, uma estabilidade material/financeira que permita, no cotidiano da família, persistir os fundamentos de uma regularidade doméstica de conjunto como, *"regularidade das atividades e horários familiares, limites temporais estruturados e estruturantes"* (LAHIRE, 1997, p. 24). O que se percebe é que a grande dificuldade econômica vivida pela família, relatada pela mãe várias vezes, leva a rupturas, instabilidade, dificultando uma economia doméstica estável, impedindo uma projeção realista do futuro. Destaca Lahire (2003, p. 24) que, *"para que uma cultura escrita familiar, ou para que uma moral da perseverança e do esforço possam constituir-se, desenvolver-se e ser transmitida, é preciso certamente condições econômicas de existência específica"*.

Dessa forma, sem desconsiderar o apoio moral e afetivo, a mobilização familiar da família III, está centrada nas ações da mãe para manter as condições materiais básicas como alimentação, vestuário, saúde, que permitam o bem-estar da família e a frequência do filho na escola. Pelas idades dos alunos e as respectivas séries que estudam, o filho desta família é o que está em maior "atraso" escolar. Comenta Zago (2003, p. 26):

Como não poderia deixar de ser, a instabilidade e a precariedade nas condições de vida têm um peso importante sobre o percurso e as formas de investimento escolar. A mobilização familiar é voltada, em primeiro lugar, para a sobrevivência, e é graças ao rendimento coletivo do grupo, decorrente do trabalho de seus integrantes, que este tenta assegurar suas necessidades básicas.

Frente às considerações apresentadas, pode-se sintetizar que os processos familiares de mobilização escolar empreendidos pelas famílias entrevistadas não ocorrem isoladamente, mas sim são sustentados pela instituição escolar.

Rotinas familiares favorecedoras da escolarização

Considerando as reflexões em torno das expectativas das famílias quanto à escolarização de seus filhos com deficiência mental e os processos

familiares de mobilização escolar, dentre as rotinas familiares que se revelaram favorecedoras a escolarização (sendo que são mais efetivas em determinadas famílias), pode-se destacar: aceitação da deficiência; o apoio efetivo para a inclusão; envolvimento com a escola (mais efetivo nas famílias II e IV); a relação com os professores (mais efetivo nas famílias II e IV); determinação para a permanência de uma ordem moral doméstica (famílias I, II e IV); vigilância e atenção para o trabalho escolar (família IV).

Apesar das famílias demonstrarem diferentes níveis de envolvimento com a escola, foi possível perceber que nenhuma das famílias entrevistadas é omissa com relação à escolarização do filho. Todas as mães, mesmo as que manifestaram menor envolvimento com as questões escolares, têm o sentimento de que a escola é importante e se preocupam com que seus filhos estejam bem no espaço escolar. Para Lahire (1997, p. 335),:

Os discursos sobre a “omissão” dos pais são emitidos pelos professores, principalmente quando os pais estão ausentes do espaço escolar. Eles não são vistos, e essa invisibilidade é imediatamente interpretada – principalmente quando a criança está com dificuldade escolar – como uma indiferença com relação a assuntos de escola em geral e da escolaridade da criança em particular.

Assim, por mais que as famílias compareçam na escola principalmente quando são solicitadas, demonstram serem presentes.

Dessa forma, mesmo podendo haver maior integração da escola com a família no planejamento da vida escolar dos alunos incluídos em que ambas discutam com a participação também do aluno, sobre as possibilidades do educando e as melhores alternativas de trabalho ou atendimento, as famílias entrevistadas depositam confiança na escola e se sentem acolhidas e motivadas por ela. “Quando os valores da escola coincidem com os valores da família, quando não há rupturas culturais, a aprendizagem ocorre com mais facilidade, [...] está garantida a continuidade entre a escola e a família” (ROCHA E MACÊDO, 2002, p. 31).

Pode-se concluir então que essas famílias, cada uma a seu modo, encontram formas de intervir para que seu filho não interrompa o percurso escolar. Elas enfrentam os preconceitos, a descrença presente na sociedade e que também pode existir na família – dependendo do nível de comprometimento do filho – quanto às potencialidades do deficiente mental; elas assumem o papel de pai e mãe na ordem familiar, como a família I; adicionam às suas responsabilidades com a educação dos filhos, a complementação da renda da família (família II, III e IV) e não desanimam frente à grande instabilidade financeira (família III).

Considerações finais

Ao pensar-se sobre a escolarização do aluno, tendo ele necessidades educativas especiais ou não, é necessário buscarmos uma compreensão das relações familiares nesse processo, pois a família, através de suas ações, pode contribuir de forma determinante na trajetória escolar do filho.

Na busca da compreensão desse processo, analisando os dados das entrevistas, buscando fundamentação nos autores que se dedicam às temáticas, pode-se afirmar que vários fatores influenciam na forma como as famílias percebem e investem na educação do filho. No caso da pesquisa, com alunos que apresentam deficiência mental, além dos fatores econômicos, sociais, culturais, é preciso considerar as situações trazidas pela deficiência do filho. Mas todos esses fatores não podem ser vistos isoladamente, devem ser considerados nas suas relações de interdependência.

É importante destacar que essas famílias empregaram muitos esforços no início da vida de seus filhos, quando foi descoberta a deficiência, e também no início da escolarização. Nesse período, principalmente, as mães se envolveram buscando alternativas médicas e educacionais para seus filhos, abdicando de projetos pessoais. Também, enfrentaram preconceitos na escola, vindo de outras famílias e alunos, além de demonstrarem persistência no difícil período de adaptação escolar dos filhos. Assim, enquanto o início da vida escolar de um filho (a) para uma família pode-se configurar em momentos de alegria e expectativas, para uma família com um filho (a) com necessidades especiais, esse período pode ser acompanhado de angústias e preocupações.

Mesmo frente aos obstáculos, essas famílias enfrentaram as situações conflituosas, aceitaram a deficiência do filho e, hoje, as mães relatam que a vida escolar dos filhos está mais tranquila. Dessa forma, a pesquisa, além de revelar o que as famílias esperam da escolarização, como se mobilizam nesse processo, mostra que as famílias de alunos com necessidades especiais, precisam de apoio - financeiro, afetivo, simbólico, informativo - para que contribuam de forma positiva na inclusão escolar. E este apoio se faz mais necessário quanto menor o nível cultural e financeiro da família.

Da mesma forma, a pesquisa aponta que há momentos decisivos e que trazem maior insegurança para as famílias – o início da escolarização e o final de cada etapa da escolarização básica (Ensino Fundamental, Ensino Médio). Nesses momentos, as famílias precisam ser persistentes para que seus filhos se adaptem às rotinas próprias do ambiente escolar como obediência às regras, horários - no início da escolarização e, no final de cada etapa da escolarização, as famílias precisam decidir por qual caminho conduzir a trajetória escolar de seus filhos.

Considerando que as oportunidades educacionais inclusivas vão se reduzindo ao longo das etapas escolares e a profissionalização do deficiente

mental ainda se configurar em exemplos isolados, é natural e compreensivo que as famílias enfrentem muitas incertezas quanto ao futuro, necessitando de apoio e esclarecimento, mas, principalmente, necessitam de mais oportunidades para seus filhos com deficiência mental, não só na infância, mas também na adolescência e idade adulta. É conveniente destacar ainda o papel que esta escola desempenhou, acolhendo, motivando as famílias e compreendendo a individualidade dos alunos. Mesmo reconhecendo a necessidade de existir um planejamento conjunto entre a escola e família, quanto à vida escolar dos alunos incluídos, a direção e os professores também contribuíram para que os alunos chegassem até as séries finais do Ensino Fundamental. Assim, as ações empreendidas pelas famílias participantes da pesquisa não ocorreram isoladamente, mas foram sustentadas pela escola.

Por fim, destaca-se o desejo de que as considerações identificadas na pesquisa possam contribuir com o processo de inclusão, mobilizando as escolas a buscarem um contato mais efetivo com as famílias, questionando sobre suas expectativas, conhecendo como se mobilizam na trajetória escolar de seus filhos e nesse diálogo, dar voz ao próprio aluno com deficiência.

Referências

BORDIGNON, D. M. B. As conexões da não-aprendizagem com a família. In: PORTELLA, F. O.; FRANCESCHINI, I. S. (Orgs.). **Família e aprendizagem: uma relação necessária**. Rio de Janeiro: Wak, 2006.

DUARTE, J. de S. **A escolarização de alunos com deficiência mental incluídos nas séries finais do Ensino Fundamental: um estudo das expectativas das famílias**. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2008.

LAHIRE, B. **Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável**. São Paulo: Ática, 1997.

MELLO, A. M. S. Autismo e integração. In: MANTOAN, M. T. E. et al. **A integração de pessoas com deficiência: contribuições de uma reflexão sobre o tema**. São Paulo: Memnon, 1997. p. 13-17.

NOGUEIRA, M. A.; ROMANELLI, G. R. et al. **Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares**. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

OSÓRIO, L. C. **Família hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

PORTES, É. A. O trabalho escolar das famílias populares. In: NOGUEIRA, M. A.; ROMANELLI, G. R. et al. **Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares**. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2000. p. 63- 80.

A escolarização de alunos com deficiência mental incluídos nas séries finais do ensino fundamental: um estudo das expectativas das famílias

ROCHA, C. de S.; MACÊDO, Cláudia R. **Relação família & escola**. Pará: Curso de Pedagogia, da Universidade da Amazônia– UNAMA, 2002. Disponível em: <<http://www.nead.unama.br>>

ZAGO, N. Processos de escolarização nos meios populares. As contradições da obrigatoriedade escolar. In: NOGUEIRA, M. A. et al. **Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares**. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2000. p. 19- 43.

Correspondência

Jaluza de Souza Duarte – Rua Dr. Bozano 550/101 - Cep: 97010-000 Santa Maria (RS).

E:mail: jalsduarte@yahoo.com.br

E:mail: maria_alcione@uol.com.br

Recebido em 30 de abril de 2008

Aprovado em 11 de junho de 2008

